

INDÍGENAS NA PARAÍBA E SUA RELAÇÃO COM OS NÃO INDÍGENAS

Érika Sibelle Saraiva de Araújo Pessoa*

Maria Janaína Diniz Silva**

Orientadora: Juciene Ricarte Apolinário***

“... Tratar de uma história indígena é tratar também das várias identidades dos grupos indígenas, e não dissolvê-los num grande magma cultural chamado ‘índio’”(GUILLEN, 2001:14). A relação entre indígenas e não indígenas dependeu em profundidade do modo no qual um observava o outro, seja o olhar colonizador (índios como selvagens), ou o olhar dos indígenas (colonizador como invasor). Em nenhum desses casos houve a experiência de ‘desprendem-se de si mesmo’ (GONZALEZ, 1998), um movimento de abstrair-se da pretensão de diferenciação e identificação, ou seja, a delimitação de grupos. Sempre tentemos a achar que nosso “grupo” (etnia) é a “normal”, o outro é sempre o estranho, o “diferente”. Esse foi um dos fatores que percebemos nessa primeira leitura sobre as fontes que temos tratado para o debate que aqui será apresentado, a relação entre indígenas e colonizadores.

De antemão acreditamos ser necessário fazer algumas ressalvas sobre os argumentos que serão tecidos por nós no decorrer deste trabalho, que é o fato de que essa pesquisa se encontra em fase germinal e, nesse sentido, são argumentos – hipóteses que serão verticalizados no decorrer de nossa pesquisa.

* Aluna de graduação em história, cursando o II período, pela Universidade Federal de Campina Grande – UFCG; Membro do grupo de Pesquisa Nordeste Colonial e Imperial sob Coordenação da Prof^a. Dr^a. Juciene Ricarte Apolinário.

** Aluna de graduação em história, cursando o II período, pela Universidade Federal de Campina Grande – UFCG; Membro do grupo de Pesquisa Nordeste Colonial e Imperial sob Coordenação da Prof^a. Dr^a. Juciene Ricarte Apolinário.

*** Prof^a. Dra. Juciene Ricarte Apolinário, professora da Unidade Acadêmica de História e Geografia da UFCG E Coordenadora do grupo de Pesquisa Nordeste colonial e Imperial.

O Brasil passou por divisões no período de colonização, houve a formação das capitanias hereditárias no início do século XVI, mas precisamente em 1534, entre elas, havia a capitania de Itamaracá (território que corresponde atualmente ao estado da Paraíba). Essa capitania já foi alvo de muitas disputas e confrontos entre os indígenas e os não indígenas (os colonizadores). Esse choque de etnias tão diferentes e com características tão próprias contribuíram para o desenvolvimento desses conflitos. Procuraremos tratar dessas questões fugindo da forma apologética, no qual os indígenas eram vistos como preguiçosos, selvagens e bárbaros, e os colonizadores brancos eram enaltecidos.

Os relatos dos viajantes europeus e dos colonizadores ajudaram a criar uma visão preconceituosa dos indígenas, os descrevendo de forma negativa. Devemos lembrar que esses estrangeiros estavam cheios de preceitos cristãos e de superioridade, viam tudo que não correspondesse a sua cultura como inferior.

Nesse momento acreditamos que se faz necessário apresentar ao leitor um pouco do ‘universo’ em que vivia a Europa quinhentista. A Espanha que vivia a ‘euforia’ da expulsão dos ‘mouros’ de seu território¹ via Portugal despontar no que podemos chamar de expansão das grandes navegações. O mundo vivia a quebra de antigos preceitos firmemente defendidos pela igreja. É nesse contexto de grandes alterações no pensamento de então que os portugueses entrarão em contato que esse ‘novo mundo’ em que os nativos serão visto a partir desse véis do ‘estranho’, ‘diferente’.

“Há que se buscar a memória étnica dos grupos existentes (Potiguara e Xucuru , estes hoje em território pernambucano) bem como interpretar os documentos históricos despojados de suas terras e sua cultura. Há que se levar em conta que não há historicamente, índios paraibanos”. (MELO, 2007:23).

Os indígenas que ocuparam o território que se conhece atualmente como Paraíba tinham suas fronteiras mais além da delimitação atual desse estado. Ou seja, se estendiam a regiões que hoje fazem parte dos estados do Rio Grande do norte, Pernambuco e Ceará.

A capitania de Itamaracá representou um território de ameaça a colonização portuguesa, os indígenas dessa região lutaram bravamente para que a colonização não se efetivasse. Entre os

¹ Para uma maior compreensão desse debate a respeito do ambiente que vivia a Europa no período de expulsão dos mouros ver: 1492. Carmem Bernard e Serge Gruzinski.

indígenas dessa região havia dois importantes grupos, O Potiguar (habitavam ao norte do Rio da Paraíba) e os Tabajaras (ocupavam o sul do Rio Paraíba). Apesar da grande rivalidade entre esses dois grupos, e o caráter bélico muito presente nos potiguar, eles se aliaram e retardaram a colonização da capitania por mais de dez anos, resistiram de 1574 a 1585. Durante esse período foram realizadas muitas expedições colonizadoras que não tiveram sucesso por vários motivos, entre eles, o fato dos colonizadores não conhecerem o território a ser colonizado tão bem quanto os indígenas.

Os colonizadores tentaram por conseguintes vezes vencer a resistência indígena. Essas expedições foram inicialmente organizadas pelos portugueses, contudo, com a união ibérica (união das coroas de Portugal e Espanha em 1580), sob a figura de Felipe II as expedições começaram a serem organizadas por esses dois países.

Os potiguaras tinham aliança de comércio com os franceses, que se baseava no escambo, (a comercialização de pau-brasil em troca de objetos variados) isto desagradava os colonizadores portugueses que estavam insatisfeitos com a presença francesa. Esses indígenas ficaram conhecidos pelo seu caráter “guerreiro”, lutaram contra os caetés² e com os tapuias³. Inicialmente Potiguaras e tabajaras eram fortes aliados na resistência contra a colonização portuguesa, posteriormente começaram os conflitos e os desentendimentos entre esses dois grupos. É a partir dessa situação conflituosa que os portugueses procuraram fazer alianças com os chefes tabajaras. Com a união entre tabajaras e portugueses, os potiguaras que continuaram a oferecer resistência foram dizimados. Os portugueses só se sobressaíram dessa disputa pela desunião dos indígenas, fato fundamental para conquista de Itamaracá.

Assim Portugal conseguiu conquistar essa capitania, em 1574 essa capitania passou a se chamar Capitania Real da Parayba. Foi uma colonização tardia em relação a capitania de Pernambuco que foi uma das poucas que prosperaram graças ao cultivo de cana-de-açúcar.

“Dos colonos que vinham para cá bem poucos traziam família, e, sem mulher, não há homem que se prenda á terra, por mais bonita e dadivosa que seja. A solução estava no cruzamento racial, de que proveio o mameluco, campeão da nacionalidade, pois dessa gente, que queria ser povo, a história registra as primeiras manifestações do espírito nacionalista (ALMEIDA, 1978:50).

² Caetés era um grupo indígena que ocupava a capitania de Pernambuco

³ Tapuias era um grupo indígena que ocupava o noroeste do que atualmente corresponde ao estado de Goiás.

Um exemplo de miscigenação foi o mameluco Diogo Dias, um rico mercador da capitania de Pernambuco que saiu de Olinda com intuito de montar um engenho em Tracunhaém, terra pertencente à capitania de Itamaracá que atualmente pertence à cidade pernambucana Goiânia. Quando chegou a Tracunhaém Dias fundou seu engenho, depois penetrou no sertão de Itamaracá chegando a Serra da Capaoba, hoje atual cidade Serra da Raiz. Nessa região estavam estabelecidas aldeias dos indígenas potiguaras.

Diogo Dias aproveitou-se da sua origem portuguesa e indígena para conviver com os potiguaras na Serra da Copaoba. Após um tempo de convivência com estes, conquistou a filha do chefe potiguar Iniguaçu e a tomou como sua mulher, após isto, Dias fugiu com a índia. Iniguaçu ao sentir falta de sua filha enviou dois de seus filhos para Olinda em busca da cunhã, ao chegarem em Olinda conseguiram falar com o governador geral Antônio Salema que, por sua vez, lhes deu a provisão recomendando que eles fossem a procura de sua irmã, daí então os dois potiguaras conseguiram ir até o engenho de Dias, em Tracunhaém, mostraram a provisão a Diogo que não deu importância, conseguindo disfarçar o suposto rapto, fazendo com que os índios voltassem para Copaoba sem nenhuma notícia da índia. O Chefe Iniguaçu decidiu ir pessoalmente ao engenho, chegando lá, mais uma vez Dias conseguiu esconder a índia, fazendo com que o chefe voltasse para sua aldeia sem resposta.

Esse ocorrido deu ênfase aos franceses, que possuíam interesses e mantinham uma relação “amigável” com os indígenas potiguaras, eles se aproveitaram dessa situação conflituosa em Tracunhaém e ataçaram os seus “amigos indígenas” para lutarem contra os portugueses. Então, no ano de 1534 milhares de índios potiguaras saíram de Copaoba e foram até Tracunhaém para se vingar do senhor de engenho Diogo Dias, e assim foi feito, atearam fogo no engenho e massacraram os habitantes de Tracunhaém.

A partir dessa vitória os indígenas tomaram fôlego e resistiram mais ainda contra os portugueses, atacaram os demais centros de povoamento de colonos de Itamaracá. O episódio conhecido como “Tragédia de Tracunhaém” foi um fator decisivo para as autoridades portuguesas de Olinda, as quais ficaram receosas de que a resistência indígena se espalhasse por Pernambuco.

Então nesse mesmo ano (1534) criou-se a Capitania Real da Paraíba, desmembrando-a de Itamaracá, dessa forma os limites da Paraíba passaram a ser do Rio Acauí até a Bahia da Traição. A partir do ocorrido Portugal aprofundou seu processo de conquista. O rei de Portugal, na época

D. Sebastião, ordenou guerra contra os franceses e os indígenas de Itamaracá, cujas terras ainda não tinham tido a exploração dos donatários.

Os potiguaras de Itamaracá defenderam suas terras com bravura, nas guerras de conquista lutaram contra os europeus por suas terras e suas famílias. Defendendo região que já estava sob sua posse muito antes da chegada dos estrangeiros. Os nativos da Paraíba tiveram forte resistência à conquista, fazendo com que fossem necessárias inúmeras expedições para que se tivesse o processo de colonização.

A primeira expedição enviada a Itamaracá foi a do capitão Fernão Silva em 1575. Os indígenas receberam os integrantes dessa expedição com atitude revoltosa, fazendo com que eles fugissem de Itamaracá pela costa chegando até a Bahia, onde estava instalada a sede do governo geral.

Os franceses estavam ameaçando o monopólio do pau-brasil (mantido pelos portugueses), então a coroa portuguesa em 1579 enviou a sua segunda expedição comandada por João Tavares, esta, assim como a primeira fracassou. Frutuoso Barbosa foi nomeado em 1580 capitão mor da Paraíba. De 1580 a 1582 houve a tentativa de conquista com a participação deste. Nessa expedição os índios também não se renderam resultando mais uma vez a derrota dos conquistadores. Já em 1584 as lutas pela conquista da Paraíba tiveram a participação dos espanhóis e dos portugueses; pois neste momento Portugal e suas colônias estavam sob o domínio da Espanha, sendo governado por Felipe II. Nesta expedição os indígenas continuavam a resistir, mas no ano de 1585 finalmente foi consumada a conquista.

Por todos esses fatores observamos a importância fundamental dos indígenas da capitania de Itamaracá no processo de resistência à colonização, mostrando que a história pode ser revista pela observação dos dois grupos participantes desse processo, colonizadores e colonizados, no qual os últimos tiveram papel fundamental para a construção de nossa história. Pretendemos continuar nossa pesquisa no sentido de aprofundarmos nosso conhecimento sobre os primeiros habitantes do nosso estado, em fim, existe muito para se “descobrir” e muitas pesquisas para serem feitas.

FONTES BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Horácio de. História da Paraíba, 1978, 2ª edição V. I (Documentos Paraibanos, 6).

História da Paraíba –ensino médio /organizadores Antonio Clarindo B. de Souza e Fabio Gutemberg R. B. Sousa.-Campina Grande; EDUFPG; 2007; 191P.

Imagens do outro /Jorge Larrosa, Nuria Pérez de Lara, organizadores; tradução de Celso Márcio Teixeira-Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

Titulo original: Imágenes Del otro

Vários autores/ ISBN-85.326.20 36-1

Melo, José Octávio de Arruda.História da Paraíba: Lutas e resistência, 3ª edição – João Pessoa: Editora universitária UFPB, 1995.

OUTRAS FONTES

www.rosanelvopatto.trd.br/indiospernanbuco.htm